

OS LUSÍADAS

V

- 1 «ESTAS sentenças tais o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos  
As asas ao sereno e sossegado  
Vento, e do porto amado nos partimos.  
E, como é já no mar costume usado,  
A vela desfraldando, o céu ferimos,  
Dizendo: – «Boa viagem!»; logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.
- 2 «Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal Nemeio truculento;  
E o Mundo, que co tempo se consume,  
Na sexta idade andava, enfermo e lento.  
Nela vê, como tinha por costume,  
Cursos do Sol catorze vezes cento,  
Com mais noventa e sete, em que corria,  
Quando no mar a armada se estendia.
- 3 «Já a vista, pouco e pouco, se desterra  
Daqueles pátrios montes, que ficavam;  
Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;  
Ficava-nos também na amada terra  
O coração, que as mágoas lá deixavam;  
E, já despois que toda se escondeu,  
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

OS LUSÍADAS

- 4 «Assi fomos abrindo aqueles mares,  
Que geração algũa não abriu  
As novas Ilhas vendo e os novos ares  
Que o generoso Henrique descobriu;  
De Mauritânia os montes e lugares,  
Terra que Anteu num tempo possuiu,  
Deixando à mão esquerda, que à direita  
Não há certeza doutra, mas suspeita.
- 5 «Passámos a grande Ilha da Madeira,  
Que do muito arvoredo assi se chama;  
Das que nós povoámos a primeira,  
Mais célebre por nome que por fama.  
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,  
Se lhe aventajam quantas Vénus ama;  
Antes, sendo esta sua, se esquecera  
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.
- 6 «Deixámos de Massília a estéril costa,  
Onde seu gado os Azenegues pastam,  
Gente que as frescas águas nunca gosta,  
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;  
A terra a nenhum fruto, enfim, disposta,  
Onde as aves no ventre o ferro gastam,  
Padecendo de tudo extrema inópia,  
Que aparta a Barbaria de Etiópia.
- 7 «Passámos o limite aonde chega  
O Sol, que pera o Norte os carros guia;  
Onde jazem os povos a quem nega  
O filho de Climene a cor do dia.  
Aqui gentes estranhas lava e rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,  
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

OS LUSÍADAS

- 8 «Passadas tendo já as Canárias ilhas,  
Que tiveram por nome Fortunadas,  
Entrámos, navegando, polas filhas  
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;  
Terras por onde novas maravilhas  
Andaram vendo já nossas armadas.  
Ali tomámos porto com bom vento,  
Por tomarmos da terra mantimento.
- 9 «Àquela ilha apartámos que tomou  
O nome do guerreiro Santiago,  
Santo que os Espanhóis tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros bravo estrago.  
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,  
Tornámos a cortar o imenso lago  
Do salgado Oceano, e assi deixámos  
A terra onde o refresco doce achámos.
- 10 «Por aqui rodeando a larga parte  
De África, que ficava ao Oriente  
(A província Jalofo, que reparte  
Por diversas nações a negra gente;  
A mui grande Mandinga, por cuja arte  
Logramos o metal rico e luzente,  
Que do curvo Gambeia as águas bebe,  
As quais o largo Atlântico recebe),
- 11 «As Dórcadas passámos, povoadas  
Das Irmãs que outro tempo ali viviam,  
Que, de vista total sendo privadas,  
Todas três dum só olho se serviam.  
Tu só, tu, mujas tranças encrespadas  
Neptuno lá nas águas acendiam,  
Tornada já de todas a mais feia,  
De bívoras encheste a ardente areia.

OS LUSÍADAS

- 12 «Sempre, enfim, pera o Austro a aguda proa,  
No grandíssimo gôlfão nos metemos,  
Deixando a Serra aspérrima Lioa,  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos.  
O grande rio, onde batendo soa  
O mar nas praias notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha ilustre, que tomou  
O nome dum que o lado a Deus tocou.
- 13 «Ali o mui grande reino está de Congo,  
Por nós já convertido à fé de Cristo,  
Por onde o Zaire passa, claro e longo,  
Rio pelo antigos nunca visto.  
Por este largo mar, enfim, me alongo  
Do conhecido Pólo de Calisto,  
Tendo o término ardente já passado  
Onde o meio do Mundo é limitado.
- 14 «Já descoberto tínhamos diante,  
Lá no novo Hemispério, nova estrela,  
Não vista de outra gente, que, ignorante,  
Alguns tempos esteve incerta dela.  
Vimos a parte menos rutilante  
E, por falta de estrelas, menos bela,  
Do Pólo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece ou mar acabe.
- 15 «Assi, passando aquelas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dous Invernos fazendo e dous Verões,  
Enquanto corre dum ao outro Pólo,  
Por calmas, por tormentas e opressões,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo,  
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,  
Banharem-se nas águas de Neptuno.

OS LUSÍADAS

- 16 «Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpados que o ar em fogo acendem,  
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.
- 17 «Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pela aparência,  
E que os que têm juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos ou mal entendidos.
- 18 «Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens, do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do Oceano.
- 19 «Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava): levantar-se  
No ar um vaporzinho e sutil fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado um cano ao Pólo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia;  
Da matéria das nuvens parecia.

OS LUSÍADAS

- 20 «Ia-se pouco e pouco acrescentando  
E mais que um largo masto se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de água em si chupava;  
Estava-se co as ondas ondeando;  
Em cima dele ãa nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada,  
Co cargo grande d' água em si tomada.
- 21 «Qual roxa sangues[s]uga se veria  
Nos beços da alimária (que, imprudente,  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar co sangue alheio a sede ardente;  
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,  
Ali se enche e se alarga grandemente:  
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta  
A si e a nuvem negra que sustenta.
- 22 «Mas, depois que de todo se fartou,  
O pé que tem no mar a si recolhe  
E pelo céu, chovendo, enfim voou,  
Por que co a água a jacente água molhe;  
Às ondas torna as ondas que tomou,  
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.  
Vejam agora os sábios na escritura  
Que segredos são estes de Natura!
- 23 «Se os antigos Filósofos, que andaram  
Tantas terras, por ver segredos delas,  
As maravilhas que eu passei, passaram,  
A tão diversos ventos dando as velas,  
Que grandes escrituras que deixaram!  
Que influência de sinos e de estrelas!  
Que estranhezas, que grandes qualidades!  
E tudo, sem mentir, puras verdades.

OS LUSÍADAS

- 24 «Mas já o Planeta que no Céu primeiro  
Habita, cinco vezes, apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro,  
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,  
Quando da etérea gávea, um marinheiro,  
Pronto co a vista: «Terra! Terra!» brada.  
Salta no bordo alvoroçado a gente,  
Cos olhos no horizonte do Oriente.
- 25 «A maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes que enxergamos;  
As âncoras pesadas se adereçam;  
As velas, já chegados, amainamos.  
E, pera que mais certas se conheçam  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pelo novo instrumento do Astrolábio,  
Invenção de sutil juízo e sábio,
- 26 «Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa,  
Da terra que outro povo não pisou.  
Porém eu, cos pilotos, na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do Sol a altura  
E compassar a universal pintura.
- 27 «Achámos ter de todo já passado  
Do Semicapro Pexe a grande meta,  
Estando entre ele e o círculo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta.  
Eis, de meus companheiros rodeado,  
Vejo um estranho vir, de pele preta,  
Que tomaram per força, enquanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

OS LUSÍADAS

- 28 «Torvado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo.  
Começo-lhe a mostrar da rica pele  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se movia.
- 29 «Mando mostrar-lhe peças mais somenos:  
Contas de cristalino transparente,  
Alguns soantes cascavéis pequenos,  
Um barrete vermelho, cor contente;  
Vi logo, por sinais e por acenos,  
Que com isto se alegra grandemente.  
Mando-o soltar com tudo e assi caminha  
Pera a povoação, que perto tinha.
- 30 «Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,  
Todos nus e da cor da escura treva,  
Decendo pelos ásperos outeiros,  
As peças vêm buscar que estoutro leva.  
Domésticos já tanto e companheiros  
Se nos mostram, que fazem que se atreva  
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato  
E partir-se co eles pelo mato.
- 31 «É Veloso no braço confiado  
E, de arrogante, crê que vai seguro;  
Mas, sendo um grande espaço já passado,  
Em que algum bom sinal saber procuro,  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Aparece e, segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora, vinha.

OS LUSÍADAS

- 32 «O batel de Coelho foi depressa  
Polo tomar; mas, antes que chegasse,  
Um Etíope ousado se arremessa  
A ele, por que não se lhe escapasse;  
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa  
Velooso, sem que alguém lhe ali ajudasse;  
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,  
Se mostra um bando negro, descoberto.
- 33 «Da espessa nuvem setas e pedradas  
Chovem sobre nós outros, sem medida;  
E não foram ao vento em vão deitadas,  
Que esta perna trouxe eu dali ferida.  
Mas nós, como pessoas magoadas,  
A reposta lhe demos tão tecida  
Que em mais que nos barretes se suspeita  
Que a cor vermelha levam desta feita.
- 34 «E, sendo já Velooso em salvamento,  
Logo nos recolhemos pera a armada,  
Vendo a malícia feia e rudo intento  
Da gente bestial, bruta e malvada,  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Pudemos ter da Índia desejada  
Que estarmos inda muito longe dela.  
E assi tornei a dar ao vento a vela.
- 35 «Disse então a Velooso um companheiro  
(Começando-se todos a sorrir):  
– «Oulá, Velooso amigo! Aquele outeiro  
É melhor de decer que de subir!»  
– «Si, é (responde o ousado aventureiro);  
Mas, quando eu pera cá vi tantos vir  
Daqueles cães, depressa um pouco vim,  
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

OS LUSÍADAS

- 36 «Contou então que, tanto que passaram  
Aquele monte os negros de quem falo,  
Avante mais passar o não deixaram,  
Querendo, se não torna, ali matá-lo;  
E tornando-se, logo se emboscaram,  
Por que, saindo nós pera tomá-lo,  
Nos pudessem mandar ao reino escuro,  
Por nos roubarem mais a seu seguro.
- 37 «Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca d' outrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando ãa noute, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Ûa nuvem que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.
- 38 «Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
– «Ó Potestade (disse) sublimada:  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?»
- 39 «Não acabava, quando ãa figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

OS LUSÍADAS

- 40 «Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo.  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,  
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!
- 41 «E disse: – «Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados términos quebrantas  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados d' estranho ou próprio lenho;
- 42 «Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do húmido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de imortal merecimento,  
Ouve os danos de mi que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e pola terra  
Que inda hás-de sojugar com dura guerra.
- 43 «Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas;  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei de improviso tal castigo  
Que seja mor o dano que o perigo!

OS LUSÍADAS

- 44 «Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu suma vingança;  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte!
- 45 «E do primeiro Ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.
- 46 «Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.
- 47 «Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os Cafres, ásperos e avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e perclaros  
À calma, ao frio, ao ar, verão despídos,  
Despois de ter pisada, longamente,  
Cos delicados pés a areia ardente.

OS LUSÍADAS

- 48 «E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes míseros ficarem  
Na férvida, implacável espessura.  
Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão  
Da fermosa e misérrima prisão.»
- 49 «Mais ia por diante o monstro horrendo,  
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,  
Lhe disse eu: – «Quem és tu? Que esse estupendo  
Corpo, certo me tem maravilhado! »  
A boca e os olhos negros retorcendo  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu, com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pesara:
- 50 – «Eu sou aquele oculto e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentório,  
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,  
Plínio e quantos passaram fui notório.  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontório,  
Que pera o Pólo Antártico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto ofende.
- 51 «Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sobre serra,  
Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

OS LUSÍADAS

- 52 «Amores da alta esposa de Peleu  
Me fizeram tomar tamanha empresa;  
Todas as Deusas desprezei do Céu,  
Só por amar das águas a Princesa.  
Um dia a vi, co as filhas de Nereu,  
Sair nua na praia e logo presa  
A vontade senti de tal maneira  
Que inda não sinto cousa que mais queira.
- 53 «Como fosse impossível alcançá-la,  
Pola grandeza feia de meu gesto,  
Determinei por armas de tomá-la  
E a Dóris este caso manifesto.  
De medo a Deusa então por mi lhe fala;  
Mas ela, cum fermoso riso honesto,  
Respondeu: – «Qual será o amor bastante  
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?»
- 54 «Contudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira  
Com que, com minha honra, escuse o dano.»  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cair não pude neste engano  
(Que é grande dos amantes a cegueira),  
Encheram-me, com grandes abundanças,  
O peito de desejos e esperanças.
- 55 «Já néscio, já da guerra desistindo,  
Ûa noite, de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tétis, única, despida.  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços pera aquela que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos belos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

OS LUSÍADAS

- 56 «Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei cum duro monte  
De áspero mato e de espessura brava.  
Estando cum penedo fronte a fronte,  
Qu' eu polo rosto angélico apertava,  
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo!
- 57 «Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?  
Daqui me parto, irado e quási insano  
Da mágoa e da desonra ali passada,  
A buscar outro mundo, onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
- 58 «Eram já neste tempo meus Irmãos  
Vencidos e em miséria extrema postos,  
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,  
Alguns a vários montes sotopostos.  
E, como contra o Céu não valem mãos,  
Eu, que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do Fado imigo,  
Por meus atrevimentos, o castigo:
- 59 «Converte-se-me a carne em terra dura;  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês, e esta figura,  
Por estas longas águas se estenderam.  
Enfim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto Cabo converteram  
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,  
Me anda Tétis cercando destas águas.»

OS LUSÍADAS

- 60 «Assi contava; e, cum medonho choro,  
Súbito d' ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.
- 61 «Já Flégon e Piróis vinham tirando,  
Cos outros dous, o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando  
Em que foi convertido o grão Gigante.  
Ao longo desta costa, começando  
Já de cortar as ondas do Levante,  
Por ela abaixo um pouco navegámos,  
Onde segunda vez terra tomámos.
- 62 «A gente que esta terra possuía,  
Posto que todos Etiopes eram,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros que tão mal nos receberam.  
Com bailos e com festas de alegria  
Pela praia arenosa a nós vieram,  
As mulheres consigo e o manso gado  
Que apacentavam, gordo e bem criado.
- 63 «As mulheres, queimadas, vêm em cima  
Dos vagarosos bois, ali sentadas,  
Animais que eles têm em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas.  
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,  
Na sua língua cantam, concertadas  
Co doce som das rústicas avenas  
Imitando de Títiro as Camenas.

OS LUSÍADAS

- 64 «Estes, como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos trataram,  
Trazendo-nos galinhas e carneiros  
A troco doutras peças que levaram;  
Mas como nunca, enfim, meus companheiros  
Palavra sua algũa lhe alcançaram  
Que desse algum sinal do que buscamos,  
As velas dando, as âncoras levamos.
- 65 «Já aqui tínhamos dado um grão rodeio  
À costa negra de África, e tornava  
A proa a demandar o ardente meio  
Do Céu, e o Pólo Antártico ficava.  
Aquele ilhéu deixámos onde veio  
Outra armada primeira, que buscava  
O Tormentório Cabo e, descoberto,  
Naquele ilhéu fez seu limite certo.
- 66 «Daqui fomos cortando muitos dias,  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias,  
Só conduzidos de árduas esperanças.  
Co mar um tempo andámos em porfias,  
Que, como tudo nele são mudanças,  
Corrente nele achámos tão possante,  
Que passar não deixava por diante:
- 67 «Era maior a força em demasia,  
Segundo pera trás nos obrigava,  
Do mar, que contra nós ali corria,  
Que por nós a do vento que assoprava.  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto estava,  
Os assopros esforça iradamente,  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

OS LUSÍADAS

- 68 «Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que três Reis das partes do Oriente  
Foram buscar um Rei, de pouco nado,  
No qual Rei outros três há juntamente;  
Neste dia outro porto foi tomado  
Por nós, da mesma já contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por ele nos metemos.
- 69 «Desta gente refresco algum tomámos  
E do rio fresca água; mas contudo  
Nenhum sinal aqui da Índia achámos  
No povo, com nós outros cási mudo.  
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,  
Sem sair nunca deste povo rudo,  
Sem vermos nunca nova nem sinal  
Da desejada parte Oriental.
- 70 «Ora imagina agora quão coitados  
Andaríamos todos, quão perdidos  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas e por mares não sabidos,  
E do esperar comprido tão cansados  
Quanto a desesperar já compelidos,  
Por céus não naturais, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade!
- 71 «Corrupto já e danado o mantimento,  
Danoso e mau ao fraco corpo humano;  
E, além disso, nenhum contentamento,  
Que sequer da esperança fosse engano.  
Crês tu que, se este nosso ajuntamento  
De soldados não fora Lusitano,  
Que durara ele tanto obediente,  
Porventura, a seu Rei e a seu regente?

OS LUSÍADAS

- 72 «Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu Capitão, se os resistira,  
Fazendo-se piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo, estão provados,  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquela Portuguesa alta excelência  
De lealdade firme e obediência.
- 73 «Deixando o porto, enfim, do doce rio  
E tornando a cortar a água salgada,  
Fizemos desta costa algum desvio,  
Deitando pera o pego toda a armada;  
Porque, ventando Noto, manso e frio,  
Não nos apanhasse a água da enseada  
Que a costa faz ali, daquela banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.
- 74 «Esta passada, logo o leve leme  
Encomendado ao sacro Nicolau,  
Pera onde o mar na costa brada e geme,  
A proa inclina dũa e doutra nau;  
Quando, indo o coração que espera e teme  
E que tanto fiou dum fraco pau,  
Do que esperava já desesperado,  
Foi dũa novidade alvoroçado.
- 75 «E foi que, estando já da costa perto,  
Onde as praias e vales bem se viam,  
Num rio, que ali sai ao mar aberto,  
Batéis à vela entravam e saíam.  
Alegria mui grande foi, por certo,  
Acharmos já pessoas que sabiam  
Navegar, porque entre elas esperámos  
De achar novas algũas, como achámos.

OS LUSÍADAS

- 76 «Etiópes são todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicavam;  
Palavra algũa Arábia se conhece  
Entre a linguagem sua que falavam;  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertavam;  
Com outro, que de tinta azul se tinge,  
Cada um as vergonhosas partes cinge.
- 77 «Pela Arábica língua que mal falam  
E que Fernão Martins mui bem entende,  
Dizem que, por naus que em grandeza igualam  
As nossas, o seu mar se corta e fende;  
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam  
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,  
E do Sul pera o Sol, terra onde havia  
Gente, assi como nós, da cor do dia.
- 78 «Mui grandemente aqui nos alegrámos  
Co a gente, e com as novas muito mais.  
Pelos sinais que neste rio achámos  
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.  
Um padrão nesta terra alevantámos,  
Que, pera assinalar lugares tais,  
Trazia alguns; o nome tem do belo  
Guiador de Tobias a Gabelo.
- 79 «Aqui de limos, cascas e d' ostrinhos,  
Nojosa criação das águas fundas,  
Alimpámos as naus, que dos caminhos  
Longos do mar vêm sórdidas e imundas.  
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,  
Com mostras aprazíveis e jocundas,  
Houvemos sempre o usado mantimento,  
Limpos de todo o falso pensamento.

OS LUSÍADAS

- 80 «Mas não foi, da esperança grande e imensa  
Que nesta terra houvesmos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa  
A Ramnúsia com nova desventura.  
Assi no Céu sereno se dispensa;  
Co esta condição, pesada e dura,  
Nacemos: o pesar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.
- 81 «E foi que, de doença crua e feia,  
A mais que eu nunca vi, desampararam  
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
Os ossos pera sempre sepultaram.  
Quem haverá que, sem o ver, o creia,  
Que tão disformemente ali lhe incharam  
As gengivas na boca, que crecia  
A carne e juntamente apodrecia?
- 82 «Apodrecia cum fétido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.  
Não tínhamos ali médico astuto,  
Cirurgião sutil menos se achava;  
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,  
Pela carne já podre assi cortava  
Como se fora morta, e bem convinha,  
Pois que morto ficava quem a tinha.
- 83 «Enfim que nesta incógnita espessura  
Deixámos pera sempre os companheiros  
Que em tal caminho e em tanta desventura  
Foram sempre connosco aventureiros.  
Quão fácil é ao corpo a sepultura!  
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros  
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

OS LUSÍADAS

- 84 «Assi que deste porto nos partimos  
Com maior esperança e mor tristeza,  
E pela costa abaixo o mar abrimos,  
Buscando algum sinal de mais firmeza.  
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,  
De cuja falsidade e má vileza  
Já serás sabedor, e dos enganos  
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.
- 85 «Até que aqui, no teu seguro porto,  
Cuja brandura e doce tratamento  
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,  
Nos trouxe a piedade do alto Assento.  
Aqui repouso, aqui doce conforto,  
Nova quietação do pensamento,  
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,  
Te contei tudo quanto me pediste.
- 86 «Julgas agora, Rei, se houve no mundo  
Gentes que tais caminhos cometessem?  
Crês tu que tanto Eneias e o facundo  
Ulisses pelo mundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo,  
Por mais versos que dele se escrevessem,  
Do que eu vi, a poder d' esforço e de arte,  
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?
- 87 «Esse que bebeu tanto da água Aónia,  
Sobre quem têm contenda peregrina,  
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,  
Atenas, Ios, Argo e Salamina;  
Essoutro que esclarece toda Ausónia,  
A cuja voz, altíssima e divina,  
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,  
Mas o Tibre co som se ensoberbece:

OS LUSÍADAS

- 88 «Cantem, louvem e escrevam sempre extremos  
Desses seus Semideuses e encareçam,  
Fingindo magas Circes, Polifemos,  
Sirenas que co canto os adormeçam;  
Dêem-lhe mais navegar à vela e remos  
Os Cícones e a terra onde se esqueçam  
Os companheiros, em gostando o loto;  
Dêem-lhe perder nas águas o piloto;
- 89 «Ventos soltos lhe finjam e imaginem  
Dos odres, e Calipsos namoradas;  
Harpíias que o manjar lhe contaminem;  
Decer às sombras nuas já passadas:  
Que, por muito e por muito que se afinem  
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,  
A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda grandíloca escritural»
- 90 Da boca do facundo Capitão  
Pendendo estavam todos, embebidos,  
Quando deu fim à longa narração  
Dos altos feitos, grandes e subidos.  
Louva o Rei o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;  
Da gente louva a antiga fortaleza,  
A lealdade d' ânimo e nobreza.
- 91 Vai recontando o povo, que se admira,  
O caso cada qual que mais notou;  
Nenhum deles da gente os olhos tira  
Que tão longos caminhos rodeou.  
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira  
Que o irmão de Lampécia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Tétios braços;  
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

OS LUSÍADAS

- 92 Quão doce é o louvor e a justa glória  
Dos próprios feitos, quando são soados!  
Qualquer nobre trabalha que em memória  
Vença ou iguale os grandes já passados.  
As envejas da ilustre e alheia história  
Fazem mil vezes feitos sublimados.  
Quem valorosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta e incita.
- 93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Aquiles, Alexandro, na peleja,  
Quanto de quem o canta os numerosos  
Versos: isso só louva, isso deseja.  
Os troféus de Milcíades, famosos,  
Temístocles despertam só de enveja;  
E diz que nada tanto o deleitava  
Como a voz que seus feitos celebrava.
- 94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas navegações que o mundo canta  
Não merecem tamanha glória e fama  
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.  
Si; mas aquele Herói que estima e ama  
Com dões, mercês, favores e honra tanta  
A lira Mantuana, faz que soe  
Eneias, e a Romana glória voe.
- 95 Dá a terra Lusitana Cipiões,  
Césares, Alexandros, e dá Augustos;  
Mas não lhe dá contudo aqueles dões  
Cuja falta os faz duros e robustos.  
Octávio, entre as maiores opressões,  
Compunha versos doutos e venustos  
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,  
Quando a deixava António por Glafira).

OS LUSÍADAS

- 96 Vai César sojugando toda França  
E as armas não lhe impedem a ciência;  
Mas, nũa mão a pena e noutra a lança,  
Iguálava de Cícero a eloquência.  
O que de Cipião se sabe e alcança  
É nas comédias grande experiência.  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.
- 97 Enfim, não houve forte Capitão  
Que não fosse também douto e ciente,  
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,  
Senão da Portuguesa tão somente.  
Sem vergonha o não digo: que a razão  
De algum não ser por versos excelente  
É não se ver prezado o verso e rima,  
Porque quem não sabe arte, não na estima.
- 98 Por isso, e não por falta de natura,  
Não há também Virgílios nem Homeros;  
Nem haverá, se este costume dura,  
Pios Eneias nem Aquiles feros.  
Mas o pior de tudo é que a ventura  
Tão ásperos os fez e tão austeros,  
Tão rudos e de engenho tão remisso,  
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.
- 99 Às Musas agardeça o nosso Gama  
O muito amor da pátria, que as obriga  
A dar aos seus, na lira, nome e fama  
De toda a ilustre e bélica fadiga;  
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,  
Calíope não tem por tão amiga  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

## OS LUSÍADAS

**100** Porque o amor fraterno e puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, é somente o pros[s]uposto  
Das Tágides gentis, e seu respeito.  
Porém não deixe, enfim, de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito:  
Que, por esta ou por outra qualquer via,  
Não perderá seu preço e sua valia.

## NOTAS

### 1.2-6

“... quando abrimos / As *asas* ...”: as velas; o céu *ferimos*”: cortámos.

### 2.1-7

“*Entrava* neste tempo o eterno lume / No *animal Nemeio truculento*”: o *animal Nemeio* é recordação das façanhas de Hércules; *truculento* é feroz. Aqui trata-se do signo do Leão. *Entrava* quer aqui dizer *ia entrar*. A entrada do Sol no signo do Leão ia ter lugar a 14 de Julho. A partida de Lisboa fez-se a 8 de Julho, a um sábado; “E o Mundo, que co tempo se consume, / Na sexta idade andava, enfermo e lento”: a sexta idade começou com o nascimento de Cristo; “Cursos do Sol catorze vezes cento, / Com mais noventa e sete ...”: 1497 foi o ano da partida.

### 3.7

Ort.: *despois* (por *depois*).

### 4.4

“Que o generoso Henrique descobriu”: o magnânimo infante D. Henrique (n. no Porto, em 4 de Marco de 1394, e fal. na Vila do Infante, a 13 de Novembro de 1460).

## OS LUSÍADAS

### 5.1

“Passámos a grande Ilha da Madeira”: o autor do *Diário de Vasco da Gama* e os cronistas Castanheda e Barros são mudos a respeito desta passagem. JMR pensou na existência de duas rotas entrelaçadas. Em minha opinião, o Poeta (que era sobretudo poeta!) quis aproveitar o itinerário para apresentar aquela ilha como digna morada de *Vénus* (*Afrodite*). *Anteu* é um gigante, filho de *Posidon* e de *Gaia* (a maior parte dos autores diz que habitava em Marrocos). Perdendo a força no ar foi facilmente vencido por *Hércules*.

### 5.2

“Que do muito arvoredado assi se chama”: “... à qual chamaram de Madeira por causa do grande & muy espesso arvoredado de que era cuberta” (Barros, I.I.III). Foi descoberta por João Gonçalves (*Zarvo* de alcunha) e Tristão Vaz em 1419 e começada a povoar pelos mesmos a partir de 1425.

### 5.4-5

“Mais célebre por nome que por fama”: cf. Barros, *loc cit.*: “Nome já muy celebrado & sabido por toda a nossa Europa, & assi em muitas partes de Africa & de Asia, por os fructos da terra de que todas participam: & ella tam nobre, fertil & generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra ... em todo o mar Oceano occidental a esta nossa Europa, ella [a ilha] se pode chamar princisa [*sic*] de todas”. Baseado nestes textos, JMR pretendeu modificar este verso para: *Mais célebre por nome e pela fama* (v., por ex., *LP*, II, pp. 172 a 176). Entenda-se que Camões não estava a pensar, como Barros, nos “frutos da terra”, quando escreveu aquele verso, mas no desconhecimento em que dela esteve o mundo antigo.

### 5.5

“Mas, nem por ser do mundo a *derradeira*”: “*derradeira* por estar nos confins ocidentais do mundo antigo” (JMR, *id.*, *ibid.*, p. 176, nota 1), e não propriamente “*derradeira* (em celebridade)”, como diz ED, ou “(em fama)”, como escreveu CB.

### 5.8

“De *Cipro*, *Gnido*, *Pafos* e *Citera*”: as ilhas que *Vénus* (*Afrodite*) ama e que lhe foram especialmente consagradas: *Cipro*, ilha do Mediterrâneo Oriental, ao sul da Ásia Menor; *Gnido* (ou *Cnido*), antiga cidade de Cária, antiga região da Ásia Menor, no Egeu, *Pafos*,

## OS LUSÍADAS

antiga cidade da ilha de Chipre; *Citera*, antigo nome de Cerigo, ilha do mar Egeu.

### 6.1

“*Deixámos de Massília a estéril costa*”: *deixámos*, passámos ao largo. *Massília* deve aqui identificar-se com o Sara costeiro, onde vivem os Azenegues. Na *Crónica dos Feitos de Guiné* diz Zurara, II, p. 78: “mandarom a aquelle alarve, que Nuno Tristam levava comsigo, que fallasse com aquelles Mouros, e nunca o poderom entender, porque a linguagem daquelles nom he mourisca, mas azaneguya de *Zaara*, ca assy chamam a aquella terra”. A p. 343: “E he bem que saibaaes, que em toda a terra d’ Africa, que he des o Egipto atees o poente, os Mouros nom teem mais regno que o regno de Fez, no qual jaz o de Marrocos e de Tafellete, e o regno de Tunez, em que he o de Tremecem e de Bugya; e toda a outra terra possuem estes Alarves e Azanegues, que som pastores de cavallo e de pee, e que andam sobre os campos ...” O infante D. Henrique inquiria sempre dos Mouros de Ceuta “as cousas de dētro do sertão da terra”. E esta diligência aproveitou-lhe “porque veo saber por elles não somente das terras dos Alarves q sam vezinhos dos desertos de Africa a q elles chamam Çahará, mas ainda das q habitão os povos Azenegues que confinam com os negros de Ialof [Jalof]: onde se começa a regiam de Guiné ...” (Barros, I.II).

### 6.6-8

“Onde as aves no ventre o ferro gastam”: com pouca exactidão diz-se que as avestruzes digerem o ferro; “Que aparta a Barbaria de Etiópia”: a Barbaria ou Berberia. A Etiópia é a Etiópia inferior. Em V.76.1 diz o Poeta: “Etiópes são todos, mas parece”. E já dissera em V.62.2: “Posto que todos Etiopes eram”.

### 7.1-7

“Passámos o limite aonde chega / O Sol, que para o Norte os carros guia”: passaram o trópico de Câncer; “Onde jazem os povos a quem nega / *O filho de Climene a cor do dia*”: *o filho de Climene ... é Fáeton*, porque numa das versões da fábula *Climene* desposou *Hélios*, de quem teve um filho e várias filhas. Trata-se dos povos negros. Diz Barros, I.III.VIII: “Este rio Çanagá per a divisão nossa he o que aparta a terra dos Mouros dos negros ...”; “Do negro Sanagá ...”: é o rio Senegal; “Onde o Cabo Arsinário nome perde”: de acordo com João de Barros, o Poeta identifica o *Arsinário promontório* com o cabo

## OS LUSÍADAS

Verde (Ptolemeu). E as nossas ilhas de Cabo Verde são as Hespéridas de Ptolemeu (Barros, I.III.VIII).

### 8.1-4

“Passadas tendo já as Canárias ilhas”: o Poeta atrasou-se no relato, pois as ilhas Canárias estavam muito antes do trópico de Câncer; “Entrámos, navegando, polas filhas / Do velho Hespério, Hespéridas chamadas”: são as ilhas de Cabo Verde. Ainda no *Tratado dos Descobrimentos* (1563), António Galvão escreve que “algũs querem dizer que [as ilhas do Cabo Verde] fossem aquelas que os antigos chamaram Gorganas, Esperidas, Orcadas ...” Gaspar Frutuoso, no *Livro Primeiro das Saudades da Terra* (publ. em 1966), em vários lugares diz: “... os quais pediram licença ao Infante D. Henrique e ele a deu. Alguns querem dizer que fossem aquelas que os antigos chamavam Górgonas, Hespéridas e Órcadas” (p. 176). Camões não faz esta confusão.

### 9.1-5

“Àquela ilha aportámos que tomou / O nome do guerreiro Santiago”: é lapso do Poeta. Por ter sido descoberta em 1 de Maio a ilha de Santiago foi consagrada a Santiago Menor; “... tanto que Bóreas nos ventou”: assim que tiveram vento norte para prosseguir para o Sul ...

### 10.3-7

“A província Jalofo, que reparte / Por diversas nações a negra gente”: Barros, em I.III.VIII, no título, diz: “Em que se descreve a terra que jaz entre os dous rios Canagá, & Gambea [Gâmbia]”. E começa: “Esta terra que per cõmum vocabulo dos naturaes he chamada Ialofh, jaz entre estes dous rios, Canagá, & Gambea”; “A mui grande Mandinga, ...”: o planalto de Mandinga, grande empório do ouro; “Que do curvo *Gambeia* as águas bebe”: pertence para “A mui grande Mandinga”. *Gambeia*, Gâmbia.

### 11.1-2

“As Dórcadas passámos, povoadas / Das Irmãs ...”: Plínio, VI.XXXVI.200: “Contra hoc quoque promunturium (Hesperu Ceras) Gorgades Insulae narrantur, Gorgonum quondam domus”. “A Phorkys Kétô ... gerou igualmente as Górgonas que habitam para lá do ilustre Oceano, na fronteira da noite, no país das Hespéridas sonoras, Esteno, Euriale e Medusa de atrás destino” (H, *Tb.*, vv.

## OS LUSÍADAS

270-276). Em vez de *Górgades* também se escreveu *Dórcades*. Com que ilhas o Poeta identificou as Dórcades? Talvez com o arquipélago dos Bijagós, pois não aparecem no rumo seguido outras ilhas e na altura da Guiné. Aliás, Camões diz “passámos”.

### 12.2-8

“No grandíssimo gôlfão nos metemos, / Deixando a serra aspérrima Lioa, / Co Cabo a quem das Palmas nome demos”: a Serra Leoa fica entre a Guiné e a Libéria, e o cabo das Palmas, entre a Costa da Pimenta e a Costa do Marfim, no extremo sul da Libéria; “O grande rio, ... / ... / Ficou, co a Ilha ilustre, que tomou / O nome dum que o lado a Deus tomou”: o grande rio é o Níger; a Ilha ilustre é S. Tomé; ficou, passaram o grande rio e a Ilha ilustre.

### 13.1-8

“Ali o mui grande reino está de Congo”: antigo reino da África Ocidental, limitado ao norte pelo rio Zaire e confinando ao sul com o reino de Angola. Os nossos contactos com o *Manicongo* (potentado indígena) estabeleceram-se muito antes de 1490. Os nossos reis prestaram todo o interesse à missão daquela região; “Por este largo mar, enfim, me alongo / Do conhecido Pólo de Calisto, / Tendo o término ardente já passado / Onde o meio do Mundo é limitado”: me alongo, me afasto; do conhecido Pólo de Calisto, do Pólo Norte, onde está Calisto (Ursa Maior); tendo o término ardente já passado, tendo já passado o Equador.

### 14.1-8

“Já descoberto tínhamos ... / Lá no novo Hemisfério, nova estrela”: o *Hemisfério* indica geralmente o hemisfério celeste que assenta sobre o horizonte; a palavra *estrela* é tomada aqui no sentido de constelação. A nova constelação era o Cruzeiro do Sul; “Vimos a parte menos rutilante / E, por falta de estrelas, menos bela, / Do Pólo fixo, onde inda se não sabe / Que outra terra comece ou mar acabe”: o Poeta começa por designar o pólo celeste austral (que achou mais pobre de estrelas) e acaba por designar os países vizinhos do Pólo Sul.

### 15.1-8

“Assi, passando aquelas regiões / Por onde duas vezes passa Apolo”: a zona tórrida, onde duas vezes por ano o Sol passa no zénite de cada lugar, *dois Invernos Jazendo e dois Verões*; “... o irado Eolo”: rei dos ventos e das tempestades; “Vimos as Ursas, a pesar

## OS LUSÍADAS

de Juno, / Banharem-se nas águas de Neptuno”: *Calisto* foi transformada em Ursa Maior e seu filho *Arcas* em Ursa Menor, por *Zeus*. *Juno* desce ao mar e vai visitar *Tétis* e o *Oceano* e pedir-lhes que “nunca uma concubina (*Calisto*, pelos seus amores com *Zeus*) se banhe nas águas puras do mar”. Portanto, os nautas viram as Ursas mergulhadas na água *a pesar de Juno* (v. Ov., *M*, II.401-530).

### 16.4

Ort.: *relâmpados* (por *relâmpagos*).

### 17.1

“Os casos vi ...”: o Poeta vai opor à autoridade estabelecida pelos textos dos sábios a experiência dos “rudos marinheiros”. Nos quatro primeiros versos da est. 18 trata do vulgarmente chamado *fogo-de-santelmo* ou *corpo-santo*; nos quatro últimos versos da mesma estância e nas seguintes até à est. 22 o Poeta descreve a *tromba-marinha*. O Poeta insiste no testemunho dos olhos: “Os casos vi ...” (est. 17), “Vi, claramente visto” (est. 18) e “Eu o vi certamente” (est. 19).

### 19.1-3

“Eu o vi certamente ...”: pronome demonstrativo; refere-se a *levantar-se* e a *rodear-se*; “E, do vento trazido, *rodear-se*”: circundar-se, tomar a forma espiral.

Ort.: *sutil* (por *subtil*).

### 20.5

“Estava-se co as ondas ondeando”: o balouço do “cano” acompanhava o balouço das ondas.

Ort.: *acrescentando* (por *acrescentando*); *masto* (por *mastro*).

### 21.1

“Qual *roxa* sangues[s]uga se veria”: o Poeta chama-lhe *roxa*, considerando o sangue que ela avidamente bebe.

### 22.4

“Por que co a água a *jacente* água molhe”: que fica por baixo, a água do mar.

Ort.: *depois* (por *depois*).

## OS LUSÍADAS

### 23.3-6

“As maravilhas que eu passei, *passaram*”: tivessem passado; “Que grandes escrituras que *deixaram*”: teriam deixado; “Que influência de sinos e de estrelas”: que influência de signos e de estrelas. No século XVI o termo *estrela* incluía também os planetas, de uma maneira geral.

Ort.: *sino* (por *signo*).

### 24.1-5

“Mas já o Planeta que no Céu primeiro / Habita, cinco vezes, *apressada*, / Agora meio rosto, agora inteiro, / Mostrara, ...”: o Poeta diz que desde a partida de Lisboa (8 de Julho) até à chegada à baía ou angra de Santa Helena (4 de Novembro) cinco vezes a Lua (“Planeta no Céu primeiro”) passara de quarto crescente a lua cheia. Alguns comentadores escreveram “a Planeta”; mas nunca o Poeta usou do feminino para “Planeta”. *Apessada* concorda certamente com Lua; “Quando da *etérea* gávea, ...”: aérea.

### 25.1-7

“A maneira de ...”: sem artigo, como Barros, por exemplo; “As âncoras pesadas se adereçam”: preparam-se as âncoras para o fundeio (Brás da Silva); “Pelo novo instrumento do Astrolábio”: o que era novo e “invenção de sutil juízo e sábio” era o uso náutico do aparelho. Gama vai a terra (onde havia mais firmeza) tomar a altura do Sol, elemento para *determinação do ponto*, isto é, do local em que se encontra.

Ort.: *sutil* (por *subtil*).

### 26.8

“E compassar a universal pintura”: calculada a posição da armada, era marcada na carta ou no plano (na “pintura universal” por ser a do mundo então conhecido), com auxílio do compasso (“compassar”), o sítio em que se encontravam.

Ort.: *sutil* (por *subtil*).

### 27.2-8

“Do Semicapro Peixe a grande meta”: o trópico de Capricórnio; “Estando entre ele e o círculo gelado”: encontravam-se na zona temperada austral, entre o trópico de Capricórnio e o círculo glacial antártico; “Vejo um estranho vir, ...”: o Poeta fala de “um estranho de pele preta”; Barros fala de “dous negros baixos”, dos quais

## OS LUSÍADAS

tomaram um (I.IV.II); Castanheda fala de “um homem dos seus moradores” (I.II).

### 28.4-6

“Selvagem mais que o bruto *Polifemo*”: o *Ciclope*, que desempenha um papel na *Odisseia*, o mais selvagem de todos os *Ciclopes*; “Começo-lhe a mostrar da rica pele / De Colcos o gentil metal ...”: o ouro. Alusão ao “véu dourado”.

### 29.2-4

“Contas de cristalino ...”: contas de cristal; “Alguns soantes cascáveis pequenos”: pequenos globos de metal com uma bola dentro para os fazer soar; “... cor contente”: cor alegre.

### 30.4-7

“As peças vêm buscar que estoutro leva”: iguais às que o outro leva; “Fernão Veloso ...”: personagem histórico, homem de armas (Barros, I.IV.III, e Castanheda, I.II).

### 35.1-8

“A réplica de Veloso não vem nem em Barros nem em Castanheda. Ort.: *milhor* (por *melhor*); *decer* (por *descer*).

### 36.7

“Nos pudessem mandar ao *reino escuro*”: ao *reino de Plutão*, aos *Infernos*.

### 37.1

“Porém já cinco Sóis eram passados”: Barros e Castanheda dizem que a armada passou o cabo da Boa Esperança em 20 de Novembro. Castanheda acrescenta: “quarta-feira”. O diário de Vasco da Gama diz: “E ao domingo pela manhã, que foram dezanove dias do mês de Novembro, fomos outra vez com o cabo, e não o pudemos dobrar, porque o vento era su-sueste e o dito cabo jaz nordeste-sudoeste; e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e à noite de segunda-feira viemos em a volta da terra. E à quarta-feira, ao meio-dia, passámos pelo dito cabo ao longo da costa, com vento à popa.” (DVVG, vol. I, pp. 12 e 13, da transcrição, Livr. Civilização, 1945.)

### 37.5

“Quando ãa noute, ...”: o Poeta coloca a aparição do Adamastor na

## OS LUSÍADAS

noite de 21 para 22 de Novembro de 1497. Estamos perante a maior criação camonianiana. Nela simboliza o Poeta o termo do mundo desconhecido. Não podendo vencer os Portugueses, o gigante anuncia-lhes vinganças. O nome de *Adamastor* parece ter tido o seu princípio na forma *Damastor*, usada por Claudiano na sua *Gigantomachia*. Sidónio Apolinário num epitalâmio escreve *Adamastor* (v. ED, 2.<sup>a</sup> ed., V.51.3) e assim é registado em Gaffiot, que cita Sidónio. Sucede, porém, que Ravisio Textor, na sua *Officina* (ed. MDXXXII), atribui a forma *Adamastor* a Claudiano (fl. CXLII) e em *Epithetorum opus* (1580) regista a forma *Adamastor* e regista o epíteto da *Gigantomaquia*: *saevusque Adamastor*. Em escólio esclarece: *Adamastor gigas immanis statura*. Que pensar? Camões criou a forma mais sonora, ou foi buscá-la a Sidónio Apolinário ou a Textor? V. sobre o nome “Adamastor” o trabalho do Doutor Américo da Costa Ramalho, in *Garvia de Orta*, n.º esp., Lisboa, 1972.

### 38.4-7

“Como se desse *em vão* ...”: no *vão*; “Este *clima* e este mar nos apresenta”: *clima* no sentido que tinha no século XVI. V. LPS, *AL*, pp. 98 e segs.

### 39.2-4

“... *válida*”: forte (latinismo); “... a barba *esquálida*”: desgrenhada (latinismo).

### 40.2-4

“... que este era o segundo / De Rodes estranhíssimo Colosso, / Que um dos sete *milagres* foi do mundo”: o Colosso de Rodes era uma das sete “maravilhas” do Mundo. Erguia-se no fundo do porto de Rodes. Era toda de bronze e media 31 m. Foi obra de Charès de Lindos, discípulo de Lisipo. Foram precisos doze anos para a erguer (de 292 a 280 a. C.). Caiu no ano de 228 a. C. devido a um tremor de terra; *milagre*, maravilha.

### 41.3-4

“Tu, que *por* guerras cruas ... / E *por* trabalhos ...”: por meio de.

### 42.5-6

“... que apercebidos / Estão ...”: preparados.  
Ort.: *sojugar* (por *subjugar*).

## OS LUSÍADAS

### 43.7-8

“Eu farei de improviso tal castigo / Que seja mor o dano que o perigo!”: vindo do Brasil para o Cabo, foram os navios da armada de que era capitão-mor Pedro Álvares Cabral, em 1500, salteados de tão furiosa e súbita tempestade que se afundaram quatro deles. Um destes barcos era o de Bartolomeu Dias, que morreu. A esta vingança do Gigante alude ele nos dois primeiros versos da estância seguinte. O Gigante diz “de improviso” porque a tempestade foi súbita e diz que foi “mor o dano que o perigo” porque os naufragos mal tiveram tempo de saber que iam morrer.

### 44.4

Ort.: *pertinace* (por *pertinaç*).

### 45.1

“E do primeiro Ilustre, ...”: D. Francisco de Almeida, 1.º vizo-rei da Índia, morto num combate contra os Cafres ao norte do cabo da Boa Esperança, no dia 1 de Março de 1510.

### 46 a 48

“Outro também virá, de honrada fama”: nestas três estâncias trata o Poeta comovedoramente do naufrágio do galeão *S. João*, em 24 de Junho de 1552, e dos padecimentos grandes por que passaram Manuel de Sousa Sepúlveda, sua esposa e filhos de tenra idade. O galeão vinha da Índia e naufragou junto da terra do Natal. A narrativa do naufrágio foi publicada em folha volante e, mais tarde, na *História Trágico-Marítima*. Jerónimo Corte Real consagrou um poema a este trágico sucesso. Camões dá ao episódio um final mais poético.

Ort.: *fermosa* (por *formosa*); *nacidos* (por *nascidos*); *perclaros*, latinismo (por *preclaros*); *despois* (por *depois*); *implacábil*, latinismo (por *implacável*).  
Concordância: *ter pisada* concorda com o compl. directo.

### 50.2

O nome de *cabo das Tormentas* foi-lhe posto pelo seu descobridor, Bartolomeu Dias. D. João II mudou-lhe o nome para da *Boa Esperança*.

### 50.3-4

“Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, / Plínio ...”:

## OS LUSÍADAS

Ptolemeu, geógrafo e astrónomo dos meados do século II d. C. Nasceu em Ptolomais (Alto Egipto). A *Geografia* de Ptolemeu fez autoridade durante toda a Idade Média; Estrabo, ou Estrabão, geógrafo nascido na Capadócia. Viveu entre 58 a. C. e 25 d. C. Autor de uma notável *Geografia*; Plínio, o Velho (Caius Plinius Secundus Major), naturalista romano, nasceu em Como, no ano 23 da nossa era, morto na erupção do Vesúvio em 79, quando ia estudar o fenómeno e ajudar os habitantes. Autor de uma *História Natural*, em 37 livros, verdadeira enciclopédia do saber da época; Pompónio Mela, geógrafo do século I d. C. Nasceu em Tingitana, perto do Calpe, na Espanha Bética. A sua obra intitula-se *De Chorographia*.

### 51.1-2

“Fui dos filhos aspérrimos da Terra”: fui Gigante; “Qual Encélado, Egeu e o Centimano”: a *Eneida* conta que o corpo de Encélado, meio fulminado, ficou sob a matéria vomitada pelo Etna, e que esta montanha, pesando sobre ele, deixava passar pelas fendas das suas fornalhas as chamas que ele respirava (V, E, III.578-580); Egeu (*Egeon*), outro nome de Briareu. “Aegaeon qualis, centum cui brachia dicunt / centenasque manus” (E, X.565-566); Centimano, que tem cem mãos (H, O, 11.XVII: “centimanus gigas”). Como Briareu também tem cem mãos, sugeriu-se que Camões tenha escrito: “Qual Encélado e Egeu, o centimano” (JN, DGdL).

### 51.3

“Contra o que vibra os raios de Vulcano”: contra Júpiter.

### 52

“Amores da alta esposa de Peleu”: Peleu desposou Tétis (*Tbetis*), a nereida, filha de Nereu. Não confundir com *Tethys*, esposa do Oceano. Camões escreveu os dois nomes da mesma forma.

### 53.2-4

“Pola grandeza feia de meu gesto”: por causa da fealdade da minha aparência; “E a Dóris este caso manifesto”: Dóris, filha do Oceano e esposa de Nereu.

### 54.5-7

“Eu, ... / ... / Encheram-me”: anacoluto.

## OS LUSÍADAS

Ort.: *resposta* (por *reposta*). É o único caso em que o Poeta escreve *resposta*; *abondanças* (por *abundâncias*).

### 55.4

“Da branca Tétis, *única*, despida”: sem par.

### 56.1-6

“Oh que não sei de *nojo* ...”: de tristeza; “Qu’ eu *polo* rosto angélico apertava”: *em vez do* rosto angélico.

### 57.5

“... *irado e quasi insano*”: como em I.77.1

Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

### 58.1-2

“Eram já neste tempo meus irmãos / Vencidos ...”: a lenda dos Gigantes é dominada pela história do seu combate contra os Deuses e da sua derrota. A *Terra* gerou-os para que eles vingassem os *Titãs*, encerrados por *Zeus* no Tártaro.

### 59-1-7

Diz ED que, com muita probabilidade, a narrativa que vem em Ovídio (*M*, IV.655-661, cit. por FS), da conversão de *Atlas*, agigantado rei da Mauritânia, no monte que tomou dele o nome, foi a que sugeriu primordialmente a Camões a sua grandiosa concepção.

### 60.7-8

“A Deus pedi que *removesse* os duros / Casos, que Adamastor contou *futuros*”: a Deus pedi que *afastasse* os duros casos *futuros* que Adamastor contou.

### 61.1-8

“Já *Flégon* e *Piróis* vinham tirando, / Cos outros dois, o carro radiante, / Quando a terra alta ...”: quando rompeu a madrugada de 22 de Novembro os nautas começaram a ver o Cabo. Por economia poética, Camões cita só dois cavalos que *tiravam* (puxavam) o carro radiante (do Sol). Os outros dois são *Eóo* e *Éton*. “Interea volucres Pyrois et Eous et Aethon, / Solis equi, quartus que Phlegon ...” (Ov., *M*, II.153-154); “Onde segunda vez terra tomámos”: os nautas

## OS LUSÍADAS

chegaram à aguada de S. Brás no dia de Santa Catarina (25 de Novembro).

### 62

Ort.: *apacentavam* (por *apascentavam*).

### 63.1-8

“As mulheres, queimadas, vêm em cima / Dos vagarosos bois, ali sentadas ...”: “porque algũs boies, mochos, que os nossos virão andavão gordos & limpos, & vinhão as molheres sobre elles com hũa albardas da tabua [d’atabua]” (Barros, I.IV.III); “Cantigas pastoris, ou prosa ou rima, / Na sua língua cantam, concertadas”: “& como os nossos forão a terra começarão eles de tanger quatro frautas acordadas a quatro vozes da musica, q̃ pera negros cõcertavão bẽ” (Castanheda, I.III); “Imitando de *Tíuro* as Camenas”: imitando os cantos de *Tíuro*, personagem da Égloga I de Virgílio. As *Camenas* foram desde cedo identificados com as *Musas*.

### 64.8

“As velas dando, as âncoras levamos”: as âncoras levantamos. Os nautas vão a caminho do rio do Infante aos 8 de Dezembro.

### 65.2-5

“... e tornava / A proa a demandar o ardente meio / do Céu ...”: a armada tornava a caminho do Equador; “*Aquele ilbêu* deixámos ...”: refere-se ao *ilbêu da Cruz*, onde Bartolomeu Dias pôs o seu derradeiro padrão.

### 66.7

“Corrente nele achámos tão possante”: “E neste mesmo dia tornou a frota a passar a mesma carreira q̃ tinha passada levãdo muyto yeto a popa q̃ lhe durou tres ou quatro dias com q̃ rõpeo as corrêtes q̃ avião grãde medo de não poderẽ passar & assi yã todos muyto alegres por passarem donde Bertolameu diaz tinha chegado, & Vasco da gama os esforçava, dizẽdo q̃ assi quereria Deos q̃ achassem a India.” (Castanheda, I.III.)

### 67.5

“Injuriado *Noto* da porfia”: *noto*, o vento do sul, naquele caso o vento de popa.

## OS LUSÍADAS

### 68.1-2

“Trazia o Sol o dia celebrado / Em que três Reis ...”: “& dia dos  
Reys entrarão no rio delles, & alguns lhe chamão do cobre por o  
resgate delle em manilhas, & assi marfim, & mantimentos ...”  
(Barros, I.IV.III.) Vasco da Gama lhe pôs o nome de *Aguada da Boa  
Paz*.

### 69.1

“Destá gente refresco algum tomámos”: desta gente tomámos algum  
refresco.  
Ort.: *cási* (por *quase*).

### 70.5-8

“E do esperar comprido ...”: e do longo esperar; “Por céus não  
naturais, ...”: por serem de “qualidade inimiga de nossa  
humanidade”.

### 71.7

“*Que* durara ele ...”: repetição do *que*.

### 72.2

“Contra seu Capitão, se *os* resistira”: emprego transitivo antiquado.

### 73.1-8

“Deixando o porto, enfim, do doce rio”: vendo “Vasco da Gamma  
q̃ as agoas o apanhavão pera dentro, temeo ser algũa enseada  
penetrante donde não pudesse sair. O qual temor lhe fez dar tanto  
resguardo por fugir a terra, que passou sem aver vista da povoação  
de Çofala” (Barros, I.IV.III).

### 74.2

“Encomendado ao sacro Nicolau”: S. Nicolau, protector dos  
navegantes.

### 75.3

“Num rio, que ali sai ao mar aberto”: chegaram a um rio que  
chamaram “dos Bons Sinais”.

## OS LUSÍADAS

### 76.7

“Com outro, que de tinta azul se tinge”: “& os maes delles trazião derredor de si hũs panos d’ algodão tintos de azul” (Barros, I.IV.III).

### 77.3

“Dizem que, por naus que em grandeza igualam / As nossas,...”:  
“Cõ os quaes sinaes & outros que elles derão, dizendo que contra o nacimiento do sol avia gente branca que navegavão em naos como aquellas suas, as quaes elles vião passar pera baixo & pera cima d’ aqlla costa: pos Vasco da Gamma nome a este rio dos bons sinaes.” (Barros, I.IV.III.)

### 78.5

“Um padrão nesta terra alevantámos”: o Padrão S. Rafael. O anjo S. Rafael guiou Tobias, que ia cobrar de Gabelo uma importância em dinheiro devida a seu pai (v. o liv. “Tobias”).

### 79.3

“Alimpámos as naus, ...”: “Quis elle [Vasco da Gama] dar pendor aos navios por virem já mui çujos” (Barros, I.IV.III).

### 80.1-3

“Mas não foi, da esperança grande e imensa / Que nesta terra houvemos, limpa e pura / A alegria; ...”: *Ramnúsia* é a Némesis de Ramnunte, burgo da Ática, célebre pelo culto de *Némesis* (Ov., *M*, XIV.694). *Némesis*, deusa vingadora dos crimes e, na maior parte dos casos, a deusa que se encarrega de abater tudo o que excede a medida, como o excesso de felicidade num mortal.  
Ort.: *nacemos* (por *nascemos*).

### 81 e 82

Nestas estâncias Camões, seguindo Barros, descreve o escorbuto: “A maior parte foi de herisipolas & de lhe crecer tanto a carne das gengivas, q̃ quasi não cabia na boca aos homes, & assi como crecia apodrecia & cortavão nella como em carne morta ...” (Barros, I.IV.III).

### 82.3-4

“... médico *astuto*”: *sagaç*; “Cirurgião *sutil* ...”: *hábil*.

## OS LUSÍADAS

Ort. das est. 81 e 82: *desamperaram* (por *desampararam*); *crecia* (por *crescia*); *cirurgiaão* (na edição *princeps*, *sururgião*); *sutil* (por *subtil*).

### 83.4

“Foram sempre connosco aventureiros”: amigos do risco.

### 84.1

“Assi que deste porto nos partimos”: partiram do rio dos Bons Sinais a 24 de Fevereiro.

### 85.4

“... do alto Assento”: do Céu.

### 86.1-5

“*Julgas* agora, Rei, *se ...*”: esta construção é estranha e há quem proponha a substituição da *julgas* por *julga*. JMR, na *EN*, diz que há contaminação de *julgas que* e *julga se*; “Crês tu que tanto Eneias e o *facundo* / Ulisses ...”: como em II.45.1 e III.57.3; “Ousou algum a ver ...”: no português antigo este verbo construía-se com *a*.

### 87.1

“Esse que bebeu tanto da água *Aónia*”: Homero bebeu da água da fonte de Aganipe, na *Aónia*, nome mitológico da Beócia: “Nam neque Parnassi vobis juga, nam neque Pindi / Ulla moram fecere, neque Aonie Aganippe” (V, B, X.11-12). Os vv. 3-4 são uma tradução literal deste dístico, citado por Aulo Gélío:

*Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri:  
Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Ius, Argos, Athenae*

### 87.5-8

“Essoutro que esclarece toda *Ausónia*”: *Ausónia*, antigo nome de uma parte da Itália e poeticamente tomada por toda a Itália. “Magna dicione jubeto / Karthago premat Ausoniam” (V, E, X.53-54). Quem esclarece toda a *Ausónia* é Virgílio; “Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece”: rio que passa em Mântua, terra de Virgílio; “Mas o Tibre co som se ensoberbece”: rio que passa em Roma.

### 88 e 89

Nestas estâncias o Poeta alude às aventuras de *Ulisses* e de *Eneias*

## OS LUSÍADAS

(dos poemas *Odisseia* e *Eneida*). Note-se que JMR faz de *Magas* um atributo de *Circes*, escrevendo: “Fingindo magas Circes, Polifemos”. Isto está mais de acordo com a redacção camonianiana: “Fingindo Magas Circes, Polifemos”. ED escreve “magas Circes”; CB, “Magas, Circes”; MR, o mesmo; MC e FS põem vírgula, mas consideram Circe maga. Diz FS, a propósito de *Magas*: “Porque Homero, i Virgílio, fingieron que Ulisses, i Eneas encontraron encantadoras, como Circe”; Ao chegarem à ilha Aea *Ulisses* manda metade da sua tripulação em reconhecimento sob a direcção de *Euriloco*. Penetraram numa floresta e avistam um palácio brilhante. É a morada de *Circe*. Todos entram no palácio, excepto o chefe, que fica à espreita. São bem acolhidos, mas assim que provam os manjares e as bebidas são tocados com uma varinha pela maga e transformados em animais diversos: porcos, leões, cães ... Esta lenda vem na *Odisseia*. A história de *Polifemo* também vem da *Odisseia*: *Ulisses* e mais doze companheiros foram capturados e encerrados na caverna do *Ciclope*, para serem devorados. Tendo adormecido sob a influência do vinho que *Ulisses* lhe tinha dado, não pôde ver que este e os sobreviventes aguçavam uma enorme estaca, endurecida pelo fogo, com que furaram o único olho do gigante. Para fugir da caverna os prisioneiros ligaram-se ao ventre dos carneiros que saíam. As *Sereias*, em número de duas, são mencionadas pela primeira vez na *Odisseia*: “São demónios marinhos, meio mulheres, meio pássaros. Encantavam com a sua música e atraíam com o seu canto os viajantes aos escolhos do mar da Sicília. *Ulisses* foi insensível aos seus cantos e elas deitaram-se ao mar.

### 88.6-8

“Os *Cícónes* ...”: os *Cícónes* eram uma tribo da Trácia e intervêm sobretudo na *Odisseia*. Foram atacados por *Ulisses* depois da tomada de Tróia e pelos seus soldados. Tendo recebido alguns reforços, os *Cícónes* obrigaram *Ulisses* a fugir; “Os companheiros, em gostando o loto”: *Ulisses*, tendo sido desviado do seu caminho por um forte vento do norte, que o arrastou para o Sul da ilha de Chipre, foi ter ao país dos lotófagos. Os companheiros de *Ulisses*, tendo *provado* (*gostado*, como diz Camões) o fruto chamado *loto*, não mais se lembraram de voltar a Ítaca, e foi necessário que *Ulisses* os levasse à força; «Dêem-lhe perder nas águas o piloto»: *Palinuro*, piloto que figura na *Eneida*, adormeceu ao leme e caiu ao mar. (v. *En.*, final do Canto V).

Ort.: *dêem-lhe* (por *dêem-lhê*).

## OS LUSÍADAS

### 89.1

“Ventos soltos lhe finjam e imaginem / Dos odres, e *Calipsos* namoradas”: finjam ventos soltos dos odres e imaginem *Calipsos* namoradas. Os ventos foram metidos por *Éolo* na visita que *Ulisses* lhe fez num odre feito com a pele de um touro de nove anos e o odre foi posto a bordo do navio. A tripulação ao cabo de nove dias e nove noites quis desatar o nó do odre, donde se soltaram as rajadas de vento, que levaram o navio para o largo. A ninfa *Calipso* reteve *Ulisses*, naufragado. A *Odisseia* conta como ela o amou e o guardou durante dez (sete, ou mesmo um ano), oferecendo-lhe em vão a imortalidade. Foi por ordem de *Zeus* que *Ulisses* foi liberto.

### 89.3-4

“*Harpías* que o manjar lhe contaminem”: as *Harpías* repugnantes sujaram o jantar de *Eneias* e dos seus companheiros; “Decer às sombras nuas já passadas”: a descida de *Eneias* ao reino das sombras é contada no liv. V da *Eneida*, e a de *Ulisses*, no liv. XI da *Odisseia*. Ort.: *decer* (por *descer*); *grandiloca* (por *grandiloqua*).

### 90.5

“... o sublime coração”: ânimo, coragem.

### 91.2-7

“O caso cada qual que mais notou”: cada qual o caso que mais notou; “Mas já o mancebo *Délio* as rédeas vira”: *Délio* é *Apolo*, que nasceu em Delos; “Que o irmão de *Lampécia* mal guiou”: refere-se a *Fáeton*; “Por vir a descansar nos Tétios braços”: nos braços de *Tétis* (*Tethys*), mulher do *Oceano*.

### 92.3

“Qualquer nobre trabalha que em memória”: qualquer homem de elevados pensamentos esforça-se por que “em memória”, isto é, em lembrança dos pósteros, vença ou iguale os antepassados. Ort.: *envejas* (por *invejas*); *valerosas* (por *valorosas*).

### 93-1-8

“Não tinha em tanto os feitos gloriosos / De Aquiles ...”: Alexandre preferia Homero aos feitos de *Aquiles*. Conta Plutarco, na *Vida de Alexandre* (XXVI), que Alexandre, querendo dar o melhor uso a um cofre precioso apreendido no despojo de Dario, lhe meteu dentro a

## OS LUSÍADAS

*Iliada*. No n.º VIII Plutarco diz que Alexandre estimava a *Iliada* e lhe chamava “uma provisão de virtude militar”, e recebeu de Aristóteles uma edição corrigida deste poema, chamada a “edição do cofre”. Tinha-a sempre à cabeceira com a sua espada (testemunho de Onesícrito); “... *numerosos / Versos ...*”: *melodiosos versos*; “Os troféus de Milcíades, famosos, / Temístocles despertam só de enveja”: ainda jovem, os triunfos militares de Milcíades deixavam-no absorto. Deixando de comer e de beber uma noite, como costumava, respondeu aos seus amigos: “Os troféus de Milcíades impedem-me de dormir.” A esta frase alude Camões (v. Plutarco, *Temístocles*, III). Ort.: *envejas* (por *invejas*).

### 94.1-5

“Si; mas aquele Herói ...”: o imperador Augusto; “A lira Mantuana, ...”: as poesias de Virgílio. Ort.: *dões* (por *dons*).

### 95.1-7

“Dá a terra Lusitana Cipiões, / Césares, Alexandros, e dá Augustos”: Públio Cornélio Cipião, vencedor de Zama (em 202 a. C.); Públio Cornélio Cipião Emiliano, vencedor de Cartago (em 146); Augusto, o célebre imperador romano; Alexandre, o grande conquistador. Octávio, o imperador Caio Júlio César Octaviano, compôs versos doutos e venustos, isto é, graciosos. FS refere-se a um epigrama de Octaviano Augusto, incluído nos *Epigramas* de Marcial, em que se fala de Gláfira, de António e de Fúlvia; “Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira”: o Poeta teve naturalmente conhecimento de Gláfira através daquele epigrama. Se não se trata de um pseudónimo ...

### 96.1

“Vai César sojugando toda França”: segundo ED, durante as campanhas da Gália César ia compondo uma obra filosófica – *De Analogia*. Vem a notícia na obra de Suetónio Tranquillo sobre *César*. Ort.: *sojugando* (por *subjugando*).

### 96.5

“O que de Cipião se sabe e alcança / É nas comédias grande experiência”: que tinha grande experiência de comédias, pois se diz que ajudava Terêncio a escrevê-las.

## OS LUSÍADAS

### 96.7

V. V.93.1-8.

### 98.1-7

“Por isso, e não por falta de *natura*”: de qualidades naturais; “Tão ásperos os fez e tão *austeros*”: tão rudes. Como *rudos* do verso seguinte; “... de engenho tão *remisso*”: tão descuidado.

### 99.7

“Nem as *filbas do Tejo*, que deixassem / *As telas d' ouro fino* e que o cantassem”: nem as *Tágides*. *As telas (teias) d' ouro fino*: v. Égloga III de Garcilaso, possível fonte do Poeta (vv. 53-56 e 105-106).

### 100.3

“... é sòmente o pros[s]uposto”: é sòmente o desígnio.